**ANALISE DIALÓGICA DA MUSICA “DESCONSTRUÇÃO”: A CONSTRUÇÃO DO EU NA LETRA DE MÚSICA DE TIAGO IORC**

SANTOS, Carlos Antônio Barbosa dos1

SANTOS, Amanda Gonzaga dos1

GOMES, Severina2

MORAIS, Maria Lúcia Lima de3

**1** Graduandos do curso de Licenciatura em Letras Inglês, Uneal; **2** Graduando do Curso de Licenciatura em Letras Português, Uneal; **3** Professora Auxiliar/Orientadora do Curso de Licenciatura em Letras, Uneal; cabs1997@outlook.com.br

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é apresentar uma análise da música “Desconstrução” do artista Tiago Iorc, à luz da Análise Dialógica do Discurso, considerando que a música em questão apresenta críticas sociais e traça uma relação entre o “eu social” e o “eu digital”, que caracteriza um dos estudos do processo dialógico. A natureza do enunciado está pautada na relação entre a linguagem e a ideologia e é compreendida pela diversidade dos gêneros discursivos, produzidos nas relações da vida com a língua. A fundamentação teórica dessa pesquisa está centrada nas teorias de Mikhail Bahktin (1997), nos estudos do círculo e em outros autores que bebem desta fonte como: Brait (2001; 2006), Fiorin (2017), Geraldi (2003) entre outros. Como caminho metodológico, foi feito um levantamento bibliográfico a partir dos estudiosos já mencionados fazendo uma abordagem sobre a concepção dialógica de língua/linguagem pautada nas teorias desenvolvidas pelo viés do círculo bakhtiniano. Os resultados mostraram que existe uma relação entre a teoria abordada e a letra da música em questão, reforçando o pressuposto de que os sujeitos se constituem a partir da interação que ocorre entre si e entre os contextos vivenciados. Conclui-se assim que, a pesquisa se torna relevante à medida que contribui para a consolidação de estudos em ADD, como também colabora para a compreensão dos gêneros, práticas de ensino-aprendizagem de línguas.

**Palavras-chave**: Analise dialógica. Gênero do discurso. Música.

**ABSTRACT:** The aim of this paper is to present an analysis of the song “Deconstruction” by artist Tiago Iorc, in the light of Dialogic Discourse Analysis, considering the music in question presents social criticism and traces a relationship between the “social self” and “digital self”, Which characterizes one of the studies of the dialogical process. The nature of the statement is based on the relationship between language, ideology and is understood by the diversity of discursive genres produced in relations of life with language. The theoretical basis of this research is centered on the theories of Mikhail Bahktin (1997), circle studies and other authors who drink from this source such as: Brait (2001; 2006), Fiorin (2017), Geraldi (2003) among others. As a methodological way, a bibliographical survey was made from the aforementioned scholars taking an approach on the dialogical conception of language / language based on the theories developed by the Bakhtinian circle bias. The results showed that there is a relationship between the theory approached and the lyrics of the music in question, reinforcing the assumption the subjects are constituted from the interaction occurs between themselves and between the experienced contexts. It’s concluded that the research becomes relevant as it contributes to the consolidation of studies in ADD, as well as contributes to the understanding of genres, language teaching-learning practices.

**Key-words**: Dialogical analysis. Gender of speech. Music.

**INTRODUÇÃO**

Os estudos linguísticos passaram por constantes transformações ao longo do tempo e por meio delas as concepções de língua/linguagem foram sendo ressignificadas. Com os estudos bakhtinianos, a linguística rompeu as barreiras da frase fora de contexto, inserindo-as numa realidade socio-histórica e ideológica. Passaram-se a analisar os discursos, tidos como elementos linguísticos dialógicos.

Através desse rompimento, a língua agora é analisada levando em conta todo o seu percurso, momento histórico, social, político e ideológico, não mais como algo estático, a qual se pressupõe haver apenas um segmento, mas como unidade concreta porque apresenta um conteúdo em uma situação histórica particular e irrepetível, o que permite a variada significação da linguagem dentro de um tema.

De acordo com Bakhtin (2003), o uso e as finalidades da linguagem originaram os gêneros do discurso, que são enunciados dos diferentes campos da atividade humana, constituídos em diferentes situações sociais e proferidos a determinado auditório social. Os gêneros orais e escritos refletem as finalidades de cada campo e de cada situação imediata, e são compostos por três elementos: o conteúdo ou unidade temática, o estilo ou recursos específicos que constituem a significação, e a construção composicional ou estrutura.

O diálogo, para Bakhtin (2006), vai além da interação face a face, abrangendo as relações entre interlocutores e discursos. Dito de outra maneira, o enunciador e o enunciatário necessitam interagir verbalmente para que possam se entender, por isso, através da leitura, dialogam, somando o ponto de vista de quem escreve com os de quem lê. O mesmo ocorre com a fala.

Entretanto, para o Círculo de Bakhtin, a distância no tempo não impede a construção de pontes entre enunciados que guardam proximidade de sentido. Nas palavras de Bakhtin (2003):

Dois enunciados alheios confrontados, que não se conhecem e toquem levemente o mesmo tema (ideia), entram inevitavelmente em relações dialógicas entre si. Eles se tocam no território do tema comum, do pensamento comum (p. 320).

O ponto de partida para a relação entre a letra da música e a teoria bakhtiniana de língua/linguagem vem da fala de Geraldi, (2003) “o que me constitui como sujeito que sou é o que está fora de mim”, levando em conta a perspectiva do autor, que reforça a ideia de que a construção do **eu** se dá pela relação e interação com os outros. Partindo desse pensamento, o objetivo principal desta pesquisa é observar por meio da Análise Discursiva Dialógica (ADD), a interação entre o eu/outro na música supracitada, tendo como base epistemológica, a teoria enunciativo-discursiva de pensadores do círculo de Mikhail Bakhtin.

Desse modo, pretende-se estabelecer uma relação entre a teoria abordada e a letra da música em questão, partindo do pressuposto de que os sujeitos se constituem a partir da interação, entre o **eu** e o outro, como postulou Geraldi (2003). O estudo busca respaldo em teóricos como Bakhtin (1997; 2006); Geraldi (1984; 2003), Fiorin (2017); entre outros.

**BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE AS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA/LINGUAGEM**

Desde o impacto das ideias de Sausurre, que se difundiram a partir do início do século XX, o campo dos estudos da linguagem nunca mais foi o mesmo. Não apenas essas ideias criaram um novo *status* para a ciência linguística, a partir de então reconhecida em seus contornos disciplinares, mas também forçaram uma debruçada sobre o próprio objeto de estudo da Línguística, a língua.

De acordo com os preceitos da linguística geral de Saussure, para compreender o uso da língua é preciso entender a representação dos dois parceiros que participam da comunicação: o locutor, aquele que fala e domina a palavra, e o receptor, o que ouve passivamente o discurso do outro. Essa concepção instaura um único fluxo da fala que elimina a dinâmica discursiva existente na unidade real da comunicação e a ativa posição responsiva como processo permanente da comunicação discursiva.

O estruturalismo sausurriano e os seus posteriores desenvolvimentos provocaram mudanças substanciais nos cursos, faculdades e institutos de Letras no Brasil, sobretudo nas décadas de 50/60, quando essa corrente alcançou adeptos em todos os campos dos estudos da linguagem. Além da introdução da Linguística como disciplina, os cursos de Letras e, principalmente, as licenciaturas começaram a operar com novas visões de língua e de linguagem, antes ancoradas em vertentes que, em maior ou menor grau, conduziam os estudos em desenvolvimento.

Em uma perspectiva, ainda vigia a tradição greco-romana, que concebia a linguagem como objeto da razão, reflexo do pensamento e, portanto, fenômeno a ser estudado independentemente de qualquer referência a línguas específicas, visto que os princípios de análise poderiam ser aplicados a qualquer língua em particular. Olhando por esse ângulo, Travaglia (2003, p. 21) destaca que,

a expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. [...] As leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual, e da capacidade de o homem organizar de maneira lógica seu pensamento dependerá a exteriorização desse pensamento por meio de uma linguagem organizada e articulada.

Em outra perspectiva, estavam os estudos historicistas, que construíram as bases para as ideias que aflorariam na primeira metade do século XX, visto que estavam voltadas sobre as línguas vivas e suas relações entre si, reconhecendo-as como fenômenos em constante processo de mudança e reestruturação (PETTER, 2004). As ideias, desse modo, que se difundiram a partir da primeira metade do século XX, traziam a visão de língua como sistema estruturado, composto de um conjunto de elementos, cada um deles assumindo uma função específica dentro da engrenagem maior. Esse deveria ser, então, o objeto de estudo da Linguística, a língua como sistema abstrato, que deve ser estudado em seus próprios termos, observando-se as relações intraestruturais, em um determinado estágio de sua evolução, sem que fosse necessário, para isso, qualquer ancoragem nas possíveis situações de uso dessa língua.

As transformações nas concepções linguísticas continuaram e surgiram as concepções gerativistas de Noam Chomsky, que entende a língua e seu uso como uma competência da capacidade psicológica geral. Posterior a Chomsky, como gerativismo, surgiram as contribuições do funcionalismo. Essa corrente ganha força a partir dos estudos da Escola de Praga, entendendo a língua por meio da relação entre estruturas gramaticais de uma língua e seu uso em diferentes contextos comunicativos (CUNHA, 2008).

Posteriormente, pretende estabelecer uma relação entre a teoria abordada e a letra da música em questão, partindo do pressuposto de que os sujeitos se constituem a partir da interação, como postulou. Nessa perspectiva entendemos que a pesquisa se torna relevante, à medida que não apenas contribui para a consolidação de estudos em ADD, como também colabora para a compreensão dos gêneros, práticas de ensino e aprendizagem de línguas.

E dos vários autores disponíveis para esse empreendimento, decidimos por concentrarmo-nos neste artigo em um grupo que tem contribuído muito para os estudos e pesquisas na área da música, o círculo do pensador russo Mikhail Bakhtin, conhecido como o Círculo de Bakhtin[[1]](#footnote-1), pelos estudiosos de suas obras[[2]](#footnote-2). Esse grupo de pensadores se interessou pelas produções simbólicas de modo geral, as quais eles denominavam “sistemas ideológicos” ou “sistemas axiologicamente marcados”, dando especial ênfase à língua e à literatura. No tópico que segue busca-se explicitar alguns princípios básicos da teoria do discurso e da enunciação.

**A MÚSICA E SUA RELAÇÃO PERSPECTIVA DISCURSIVA**

Embora o Círculo de Bakhtin tenha criado seus principais conceitos tomando como objeto a linguagem verbal, acredita-se que muitos desses conceitos iluminam questões importantes sobre a música e a arte, ou seja, também sobre outras linguagens. Assim sendo, partimos de conceitos propostos pelo Círculo, principalmente do próprio Bakhtin e de Voloshinov, mostrando a música em perspectiva algumas homologias e analogias possíveis que se mostram elucidativas e fundamentais para o pensamento artístico, especialmente musical.

De acordo com Voloshinov (Bakhtin/Voloshinov 2002)[[3]](#footnote-3), as teorias da linguagem no início do século XX de modo geral se filiavam a duas principais e opostas correntes. A primeira, por ele denominada “objetivismo abstrato”, tinha um caráter estruturalista e considerava a língua um sistema fechado, regido por leis claras e intransponíveis, socialmente partilhadas e estáveis. Fatores externos eram tidos como irrelevantes, pois a ela era vista como um produto acabado a ser transmitido de geração a geração. Já para a segunda corrente, a qual Voloshinov denominou “subjetivismo idealista”, a língua era uma criação individual e contínua, que não se submetia a normas de qualquer tipo.

Tratava-se, portanto, de uma visão romântica da linguagem como expressão interior do falante. Para Voloshinov (2002), mas também para os demais integrantes do Círculo de Bakhtin, embora essas duas perspectivas tivessem razão em vários pontos, nenhuma delas, contudo, dava conta do fenômeno total da linguagem, já que a primeira destacava apenas os seus aspectos formais, estruturais, e a segunda, os seus aspectos individuais, expressivos, criativos.

Como alternativa a essas visões parciais, o Círculo de Bakhtin propõe uma abordagem enunciativo-discursiva da linguagem. Para esses autores, a língua só pode ser abarcada quando em uso ou em funcionamento. Nem o sistema enquanto uma abstração nem as leis da psicologia individual oferecem subsídios suficientes para um entendimento da linguagem.

**A MÚSICA “DESCONSTRUÇÃO”: SOB A OPTICA DA ANÁLISE DIALOGICA**

Este tópico propõe-se a fazer uma análise da música “Desconstrução” de Tiago Iorc à luz da teoria bakhtiniana sobre o Dialogismo. A música em questão é demarcada por uma constante projeção do “eu social” no “eu digital” (eu/outro), levando em conta que ela conta e denuncia de forma social, ideológica e histórica, a construção do ser social na sociedade contemporânea.

Na composição em estudo, não há um personagem apresentado, ele é genérico, apesar de que os traços de uma figura feminina são visíveis. No entanto, além dessa possível protagonista feminina, qualquer ouvinte pode se projetar nas brechas e marcas sociais denunciadas na música.

As análises dialógicas pretendem reiterar a ideia do dialogismo de Bakhtin, presente nos trechos selecionados, em que se possa evidenciar mais claramente o caráter social ideológico da linguagem, bem como o reconhecimento da interação entre locutor e interlocutor na construção do sentido e do acento apreciativo que, de acordo com Flores e Teixeira (2005), é transmitido através da entonação expressiva, que diz respeito à relação individual entre o locutor e o objeto do discurso.

O dialogismo é uma concepção de linguagem e tem como base a interação, não necessariamente face a face, mas que sempre necessita de um eu/tu/ele inseridos em um tempo e em um espaço. O dialogismo engloba a ideia das relações dialógicas, que ultrapassam a interlocução, podendo incluir a relação entre outros discursos, entre cronótopos diferentes e entre olhares exotópicos, dando conta de que o signo é socio-ideológico e, como tal, reflete e refrata pontos de vista diversos, conforme os diferentes contextos em que ele é enunciado.

Barros (1997) destaca que Bakhtin aponta no enunciado-discurso dois aspectos: o que vem da língua e o que vem do contexto. O enunciado é considerado produto de uma enunciação e de um contexto histórico, social e cultural. É, nesse contexto, que participantes interagem verbalmente com seus enunciados de forma concreta e ativa. O discurso que resulta desse processo é dialógico, pois requer reação-resposta ativa daquele a quem são destinados os enunciados.

**ANÁLISE DA LETRA DA MÚSICA “DESCONSTRUÇÃO”**

Nas análises a seguir, primeiramente, é reconhecida a realidade extraverbal da letra, sendo parte constituinte dos contextos mediato e imediato, denominados também como centros de valor. Após estabelecer a estratificação histórica e social da natureza dialógica da linguagem, busca-se detectar, no nível linguístico, o sentido negociado para cada trecho selecionado da letra da música, com base nos conceitos de Bakhtin (2006).

Quando se viu pela primeira vez

Na tela escura de seu celular

Saiu de cena pra poder entrar

E aliviar a sua timidez

Vestiu um ego que não satisfez

Dramatizou o vil da rotina

Como fosse dádiva divina

Queria só um pouco de atenção

Mas encontrou a própria solidão

Ela era só uma menina

Abrir os olhos não lhe satisfez

Entrou no escuro de seu celular

Correu pro espelho pra se maquiar

Pintou de dor a sua palidez

E confiou sua primeira vez

No rastro de um pai que não via

Nem a própria mãe compreendia

No passatempo de prazeres vãos

Viu toda a graça escapar das mãos

E voltou pra casa tão vazia

Amanheceu tão logo se desfez

Se abriu nos olhos de um celular

Aliviou a tela ao entrar

Tirou de cena toda a timidez

Alimentou as redes de nudez

Fantasiou o brio da rotina

Fez de sua pele sua sina

Se estilhaçou em cacos virtuais

Nas aparências todos tão iguais

Singularidades em ruína

Entrou no escuro de sua palidez

Estilhaçou seu corpo celular

Saiu de cena pra se aliviar

Vestiu o drama uma última vez

Se liquidou em sua liquidez

Viralizou no cio da ruína

Ela era só uma menina

Ninguém notou a sua depressão

Seguiu o bando a deslizar a mão

Para assegura

Para iniciar a análise da música, dentro da visão do dialogismo bakhtiniano, é preciso, em primeiro lugar, situá-la no seu contexto mediato, ou seja, na era digital do Século XXI, em que a tecnologia e as mídias digitais predominam. Como muito bem postula Bakhtin/Voloshínov (2006) “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto” (p. 109). Por isso é fundamental que se conheça o contexto socio-histórico em que a música foi produzida. A obra foi composta por Tiago Iorczeski, como forma de manifestação contra à escravidão voluntária criada pelas redes sociais, mas vai além, encontra outros cavaleiros do apocalipse digital, a ansiedade, a falta de autoestima, a depressão e os desamores.

**Fragmento 1**

Quando se viu pela primeira vez

Na tela escura de seu celular

Saiu de cena pra poder entrar

E aliviar a sua timidez

Vestiu um ego que não satisfez

Dramatizou o vil da rotina

Como fosse dádiva divina

Queria só um pouco de atenção

Mas encontrou a própria solidão

Ela era só uma menina

O fato de a letra iniciar com o verso “Quando se viu pela primeira vez”, já revela o fato do “eu digital” ser dominante sobre o ‘eu social”, e que infere no sentindo de que o “eu social” não vê seu próprio rosto há algum tempo, marcas da perda de identidade. No verso seguinte, “tela escura” nos remete ao vício de estar sempre conectado, o que podemos considerar como algo negativo, em que o figurante da ação, já não tem mais controle sobre seus limites com a tecnologia.

Aqui nessa frase é notável a troca de personagens “Saiu de cena”, A pessoa real sai e entra um personagem, uma capa fica *online*[[4]](#footnote-4) e o rosto real fica offline[[5]](#footnote-5). Uma estratégia para disfarçar a timidez. Vestiu um “ego”, um “eu” que não satisfez a si, mas que satisfará quem? Os seguidores? Os *likes*[[6]](#footnote-6)? Comentários?

Nos versos seguintes, temos a característica predominante do mal-uso da tecnologia, em que a *figura* cai nos vícios da rotina, o que lhe fazia bem antes agora tornou-se uma forma de atrair atenção, e quando não se atinge tal meta, se afoga em solidão. De acordo com pesquisas recentes, em um artigo de opinião publicado na [revista *The Atlantic*](https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2017/09/has-the-smartphone-destroyed-a-generation/534198/)*[[7]](#footnote-7)*, Twenge (2017) afirmou que o **uso exagerado de internet e redes sociais** pode ter relação direta com o **aumento exponencial de ansiedade e depressão** – [de acordo com a ONU](https://g1.globo.com/bemestar/noticia/depressao-cresce-no-mundo-segundo-oms-brasil-tem-maior-prevalencia-da-america-latina.ghtml)[[8]](#footnote-8) (2017), elas incidem em 3,6% e 4,4% da população mundial, respectivamente. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2017), ligada à ONU, a depressão é vista como “mal do século”.

**Fragmento 2**

Abrir os olhos não lhe satisfez

Entrou no escuro de seu celular

Correu pro espelho pra se maquiar

Pintou de dor a sua palidez

E confiou sua primeira vez

No rastro de um pai que não via

Nem a própria mãe compreendia

No passatempo de prazeres vãos

Viu toda a graça escapar das mãos

E voltou pra casa tão vazia

Ao abrir os olhos, como nos mostra o fragmento 2, não lhe satisfez, ou seja, enxergar a vida como ela se mostra. Isto não a satisfez. Logo, preferiu o oposto de abrir os olhos que é entrar na escuridão do celular. De novo o celular como algo negativo, tenebroso, um mundo sombrio e escabroso. Ao visualizar a realidade em que se encontrava, temos aqui a troca de personagens novamente, sai o digital e entra o social, só que agora, o social ao se deparar com o texto real corre, foge, sai em busca de uma fuga. Em sequência, o autor da música, utiliza metáforas, mostrando a realidade inerente à sociedade, “Correu pro espelho pra se maquiar / Pintou de dor a sua palidez” - Maquiar, ou seja, disfarçar imperfeições. A maquiagem significa um disfarce a uma “palidez existencial”, uma apatia de não viver. Esse artifício pode revelar uma dor que quer ser escondida, entretanto, mesmo quando a pessoa se maquia com o objetivo de cobrir dores, acaba sinalizando para a existência delas.

No verso seguinte, temos a presença da polifonia[[9]](#footnote-9), conceituada por Barros (2003), como as vozes que estão em constante diálogo no interior do texto. A voz da figura feminina, a ausência de uma figura paterna, indicando uma carência corrente, demonstrando a falta de orientação, de consciência moral. Assim como a incompreensão da mãe. E ao mesmo tempo se evidencia a identidade em detrimento do que antes apresentava um efeito dominó[[10]](#footnote-10), que as ações da figura feminina eram pela ausência do pai e incompreensão da mãe, agora deixam claro que as tomadas de decisões do (eu/outro) “eu digital” tornaram o “eu social” vazio, e não o efeito de ação e reação.

**Fragmentos 3 e 4**

Amanheceu tão logo se desfez

Se abriu nos olhos de um celular

Aliviou a tela ao entrar

Tirou de cena toda a timidez

Alimentou as redes de nudez

Fantasiou o brio da rotina

Fez de sua pele sua sina

Se estilhaçou em cacos virtuais

Nas aparências todos tão iguais

Singularidades em ruína

Entrou no escuro de sua palidez

Estilhaçou seu corpo celular

Saiu de cena pra se aliviar

Vestiu o drama uma última vez

Se liquidou em sua liquidez

Viralizou no cio da ruína

Ela era só uma menina

Ninguém notou a sua depressão

Seguiu o bando a deslizar a mão

Para assegurar uma curtida

Nos fragmentos 3 e 4, por apresentarem uma estrutura semelhante, podemos analisá-los em igual, mais uma vez os personagens real e digital trocam de lugar, e seguem todo o percurso, de experimentação, estranheza, sensações, perpassam por novas experiências, até que chegam ao ápice da epopeia[[11]](#footnote-11), o digital agora sai de cena, e o real, desfigurado, com seu corpo aberto e fragilidades que ganhou durante o percurso que fez, agora acorda para enfrentar as dificuldades deixadas pela soberba de um **eu** que não era ele, mas que se construiu a partir dele.

É oportuno lembrar, também, que o olhar do leitor em relação à letra é fundamental para a construção de sentidos. Certamente o leitor de hoje faz uma interpretação bem mais abrangente daquela que o leitor da época em que a música foi composta fez. Isso porque, segundo Bakhtin (2003), a distância no tempo, no espaço, e também na cultura entre o que se busca compreender é que leva a uma compreensão criativa. Em consonância com as ideias de Tezza (2001), ao identificar o cronótopo da produção discursa em questão, identifica-se automaticamente sua cultura e sua visão de mundo.

Conforme foi citado na parte teórica desse estudo, a compreensão é o efeito da interação entre dois sujeitos, duas consciências tidas como orientações axiológicas que trabalham com o sentido de enunciados que se complementam e dialogam entre si. Cabe destacar a importância da entonação da letra para a construção de sentidos. Pois, como muito bem postula Bakhtin (2003), a tonalidade serve de contexto axiológico-emocional da interpretação e Barros (1999) complementa que, através da análise da entonação, se pode comprovar que o enunciado é expressão e produto da interação verbal.

**CONSDIERAÇÕES FINAIS**

Com as análises apresentadas neste trabalho, foi possível realizar uma leitura que contemplou desde o estudo das marcas linguísticas inseridas no interior do discurso, e a partir delas, resgatar o sentido discursivo, até o estudo do extraverbal, tido como o contexto socio- histórico, que carrega toda a ideologia e índices sociais de valores, elementos fundamentais para um estudo dialógico.

Ao refletir sobre a relação entre o Dialogismo e a música “Desconstrução”, percebemos que é possível encontrar traços dialógicos da música, uma vez que ela estabelece relações entre opostos, ao mesmo tempo em que a relação eu/outro se mostra em evidência. No decorrer da música, foi possível notar que essa relação entre opostos foi de extrema importância para que os elementos se constituíssem no corpo da mesma.

Obviamente, a música não foi escrita pensando em uma concepção linguística, entretanto, notamos que ao refletir sobre ela, partindo do pressuposto dialógico, a teoria Bakhtiniana ficou em evidência. A letra da música ainda permite esboçar que a interação é de extrema importância em qualquer processo dialógico. As palavras usadas para compor a música só estabelecem sentido a partir do momento em que são contextualizadas e colocadas em oposição uma a outra, pois, um discurso só se legitima a partir do momento em que é colocado junto a outro.

**REFERENCIAS**

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9.ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002. 200p

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. ***Estética da criação verbal***. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso**. In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Dialogismo, Polifonia e Enunciação**. In.: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN José (orgs.). Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Dialogismo, Polifonia e Enunciação**. In.: BARROS, Diana Luz Pessoa de. e FIORIN José (orgs.). Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin. 2. ed. 1.reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

BRAIT, Beth. **Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem**. In:BRAIT, Beth. (Org.). Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001, p. 91-104.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BUBNOVA, Tatiana. **Sobre as ruínas de “Bakhtin” ou os perigos da isegoria**. p.19- 32. In: PAULA, Luciane de; STAFUZA, Grenissa (orgs.). Circulo de Bakhtin: diálogos in possíveis. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p280.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. **Funcionalismo**. In: Martellota. Mario Eduardo. (Org.). Manual da Linguística. São Paulo. Contexto, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 168p.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. Introdução à lingüística da enunciação. São Paulo: Contexto, 2005.

GERALDI, João Wanderley. **O que é língua**. In: XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (Orgs.). Conversa com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística. São Paulo: Parábola, 2003.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_**Concepções de linguagem e ensino de português**. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). O texto na sala de aula; leitura e produção. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 41-49.

MORSON, Gary S.; EMERSON, Caryl. **Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 552p.

PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (orgs.). **O círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas: Mercado das Letras, 2010. 478p.

PETTER, Margarida **Linguagem, língua, linguística**. In: FIORIN, José Luiz (Org.). Introdução à Linguística. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto. 2004. p. 11-24.

TEZZA, Cristóvão. **Sobre O autor e o herói – um roteiro de leitura**. In: FARACO Carlos Alberto et al. Diálogos com Bakhtin. 3. ed. Curitiba. Ed. da UFPR, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, (2003).

\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Letra da música “Desconstrução” disponível no endereço eletrônico <https://www.vagalume.com.br/tiago-iorc/desconstrucao.html>. Acesso 01 de agosto de 2019.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_.**4** Verificar significado no Dicionário Aurélio através do link: <https://dicionariodoaurelio.com/> Acesso 08 de agosto de 2019.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_.**5** Verificar significado no Dicionário Aurélio através do link: <https://dicionariodoaurelio.com/> Acesso 08 de agosto de 2019.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_.**6** Conferir o dicionário online inglês-português pelo link: <https://www.wordreference.com/enpt/like>. Acesso 08 de agosto de 2019.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_.**7** Ver, por exemplo: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2017/09/has-the-smartphone-destroyed-a-generation/534198/> Acesso 10 de agosto de 2019.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_.**8** <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5354:aumenta-o-numero-de-pessoas-com-depressao-no-mundo&Itemid=839> – referente aos dados da **OMS** e **ONU**, seus respectivos dados se encontram publicados na edição inglês que podem ser acessados por esse link: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf;jsessionid=C1FF003EC14722E2EA7373E189E20891?sequence=1>. Acesso 05 de agosto de 2019.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_.**10** Para mais informações sobre o efeito dominó, verificar a fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Efeito_domin%C3%B3#targetText=O%20efeito%20domin%C3%B3%2C%20efeito%20em,m%C3%A9dia%2C%20longa%20ou%20infinita%20dura%C3%A7%C3%A3o.> Acesso 10 de agosto de 2019.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_.**11** Ver, por exemplo **-** <https://www.todamateria.com.br/epopeia/>. Acesso 11 de agosto de 2019.

1. O Círculo de Bakhtin era composto por vários intelectuais, entre eles, além do próprio Mikhail Bakhtin, o filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o estudioso de literatura Lev V. Pumpianski, o lingüista e músico Valentin N. Voloshinov e o advogado e educador Pavel N. Medvedev, que se reuniram regularmente em Nevel e depois em Vitebsk entre 1919 e 1929 (Faraco, 2009, p.13). [↑](#footnote-ref-1)
2. Ver, por exemplo, Faraco (2009), Brait (2009) e Paula e Stafuzza (2010). [↑](#footnote-ref-2)
3. Adotamos neste texto a posição de alguns estudiosos atuais do Círculo que atribuem autorias distintas para algumas obras do grupo. Outros estudiosos consideram todas como produções do próprio Bakhtin. Nossa opção pode ser justificada a partir das reflexões que Faraco (2009) faz sobre a questão da autoria das obras (principalmente p. 11 e ss), mas também Bubnova (2010, p. 21) e Morson, Emerson (2008, p. 120 e ss). Contudo, nas referências iremos respeitar a atribuição das autorias de acordo com as edições brasileiras utilizadas [↑](#footnote-ref-3)
4. Verificar significado no Dicionário Aurélio através do link: <https://dicionariodoaurelio.com/> [↑](#footnote-ref-4)
5. Verificar significado no Dicionário Aurélio através do link: <https://dicionariodoaurelio.com/> [↑](#footnote-ref-5)
6. Conferir o dicionário online inglês-português pelo link: <https://www.wordreference.com/enpt/like> [↑](#footnote-ref-6)
7. Ver, por exemplo: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2017/09/has-the-smartphone-destroyed-a-generation/534198/> [↑](#footnote-ref-7)
8. referente aos dados da **OMS** e **ONU**, seus respectivos dados se encontram publicados na edição inglês que podem ser acessados por esse link: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf;jsessionid=C1FF003EC14722E2EA7373E189E20891?sequence=1> [↑](#footnote-ref-8)
9. Ver, por exemplo – Barros (2003) e Fiorin (2003) [↑](#footnote-ref-9)
10. Para mais informações sobre o efeito dominó, verificar a fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Efeito_domin%C3%B3#targetText=O%20efeito%20domin%C3%B3%2C%20efeito%20em,m%C3%A9dia%2C%20longa%20ou%20infinita%20dura%C3%A7%C3%A3o.> [↑](#footnote-ref-10)
11. Definição do termo “epopeia”, acessar **-** <https://www.todamateria.com.br/epopeia/> [↑](#footnote-ref-11)